

“SE EU NÃO FOR ANTROPÓLOGO NA UNIVERSIDADE, ENTÃO ONDE POSSO SER?": Entrevista com Enrico Spaggiari

Bárbara Ribeiro Perotto¹

Enrico Spaggiari²

Resumo: Pensando a partir da problemática da construção de carreira na Antropologia, foi realizada uma entrevista com o antropólogo Enrico Spaggiari sobre trajetória acadêmica, oportunidades, trabalho e o papel da universidade na formação profissional na graduação dos cursos de Ciências Sociais; especialmente nas áreas da Antropologia Urbana e da Antropologia das práticas esportivas. Ao passar pela trajetória de Spaggiari na universidade, na pós-graduação e nos projetos com outros colegas, até a fundação do Instituto Ludopédio, a presente entrevista é um convite a explorar as possibilidades práticas de atuação antropológica em um campo que está sempre em formação e desenvolvimento.

Palavras-Chave: Antropologia; Mercado de trabalho; Pesquisa extramuros; Antropologia Urbana; Antropologia das práticas esportivas.

INTRODUÇÃO

A preocupação com o mercado de trabalho atravessa diversas áreas do conhecimento, principalmente àquelas pertencentes ao guarda-chuva das Ciências Humanas e Sociais. Dentro da graduação em Antropologia, tal preocupação pode virar uma ferramenta para imaginar criativamente outras formas de atuação no campo; criatividade essa que pode surgir apoiando-se nas histórias de antropólogas e antropólogos que vivem e sobrevivem a Antropologia, cada um(a) a sua maneira. Minha trajetória nas Ciências Sociais começou, de certa forma, titubeando entre o que significava estudar e trabalhar enquanto cientista social — o trabalho sempre esteve muito marcado como ponto de chegada da jornada acadêmica mesmo não sendo algo deliberadamente debatido dentro da sala de aula. No período do vestibular, eu e meus colegas delineamos o que seria nosso projeto de futuro, mas a realidade do campo de trabalho dentro das Ciências Humanas fez necessário reavaliar o que precisava ser feito ainda na graduação para garantir uma carreira sólida, ou ao menos interessante.

A partir disso, e das conversas e desabafos com colegas de curso, analisei meus interesses de pesquisa e de atuação. O meu interesse pela Antropologia das práticas esportivas floresceu com a interação entre colegas da graduação na Universidade de Brasília (UnB) com uma vontade comum: entender e pesquisar o esporte a partir das lentes das Ciências Sociais.

¹ Entrevistadora: Graduanda na Universidade de Brasília, perotto.barbara@gmail.com.

² Entrevistado: Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Atuou como Professor Substituto na Universidade de Brasília entre 2023 e 2025. enricospaggiari@gmail.com

O encontro possibilitou um espaço para pensar projetos, pesquisas, trabalhos de campo, entre outros³, mas também possibilitou conhecer um dos grandes nomes da área — e referência na pesquisa de formação de atletas e de futebol de várzea paulista —, o pesquisador e professor Enrico Spaggiari, Mestre e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP).

Ao final do semestre em que realizamos a matéria “Antropologia e Mercado de trabalho”⁴ surgiu a oportunidade de realizar uma entrevista sobre os diferentes formatos que a atuação profissional fora da universidade pode tomar; o que também havia me interessado durante as discussões tanto em sala de aula quanto nas conversas com o professor Enrico Spaggiari. A entrevista semiestruturada aconteceu no Campus Darcy Ribeiro, no dia 10 de junho de 2025, e foi revisada e editada pelo entrevistado para a publicação neste.

ENTREVISTA COM ENRICO SPAGGIARI

Bárbara: O que te motivou a fazer Ciências Sociais na graduação?

Enrico: Não houve um motivo específico. Na verdade, o que me mobilizou muito foi o fato de que eu conheci alguém que tinha feito Sociologia e que ficou na minha cabeça que era uma área que exigiria basicamente leituras, reflexões. E eu tinha um gosto pela leitura, eu sempre li muito, gostava e foi mais isso que me mobilizou. Foi essa, então, a única informação que eu tinha. Não tive Sociologia na escola, não conhecia, não sabia nome de ninguém, de sociólogo, socióloga, de antropóloga, antropólogo, não sabia nada. Eu sabia só sobre essa questão do ler.

Mas o que mais me mobilizou a fazer, além dessa questão da leitura, foi saber o que eu não queria fazer. Eu não queria ir para uma área dita mais tradicional, que era mais recorrente, mais citada. Por exemplo, havia ali uma recusa em relação ao Direito, meus irmãos fizeram Direito. Certas áreas que, na época, eu tinha uma visão de que eram muito pragmáticas, que não abriam um espaço para, vamos dizer, outras formas de ser, de viver, que não fosse aquilo. Talvez fosse até uma visão errada: “Ah, Direito é isso”. Então, o fato de achar que eu sabia o que eram essas outras áreas me fez não querer fazer e ver opções alternativas, como as Ciências Sociais. Eu até cogitei Jornalismo, pela leitura, por escrever. Eu fiz o vestibular, passei, e na hora de fazer a matrícula pensei: “Não, vou fazer Ciências Sociais”.

³ Como a criação do grupo Cancha - Esporte e Ciências Sociais; uma iniciativa discente.

⁴ Ministrada pela professora Soraya Fleischer, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB).

Bárbara: E como foi a sua trajetória acadêmica?

Enrico: Grande parte da minha graduação na USP foi trabalhando e fazendo o curso noturno. Posso dizer que, na parte inicial da minha graduação, eu não tive uma relação tão forte, tão direta com o conteúdo. Era mais uma preocupação com uma questão até pragmática: preciso ser aprovado. Então, eu não tive uma grande imersão nas disciplinas, fazia as leituras na medida do possível. Pegava, conseguia entender, lembro das coisas, mas não era um envolvimento direto. Chegou um momento, depois de alguns anos, cansado do trabalho, em que pedi demissão. Faltava um ano para me formar e foi ali o momento que eu tive uma maior dedicação, quando consegui, de fato, me sentir dentro da Faculdade de Ciências Sociais e conseguir mobilizar meus interesses. Inicialmente, me interessei mais pela Ciência Política. Na USP, são os três cursos: Antropologia, Sociologia e Ciência Política. Foi a partir do momento que eu pedi demissão que eu passei a me interessar mais pela Antropologia e por algumas disciplinas que me chamaram muita atenção. Em uma dessas disciplinas, chamada “Espaço urbano, segregação e urbanismo na perspectiva antropológica”, que era uma disciplina de Antropologia Urbana, eu estabeleci contato com o professor e demonstrei interesse em realizar alguma pesquisa. A partir dali, estabelecemos o contato e ele perguntou meus interesses. Eu respondi que tinha interesse em várias coisas e falei do esporte, até, porque eu gostava, eu gosto muito. Depois de um tempo, ele veio falar que estava fazendo um projeto de pesquisa e que talvez um tema pudesse me interessar a partir do futebol. Eu fui fazer uma visita, uma primeira ida a campo, para conhecer. E assim fiz uma pesquisa de Iniciação Científica no último semestre da faculdade. Assim que eu finalizei a pesquisa, publiquei um artigo em uma revista importante na área de Antropologia e apresentei o trabalho na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) (SPAGGIARI, 2007). Então, essa pesquisa de iniciação, mesmo feita na graduação e em pouco tempo, teve alguns desdobramentos interessantes.

Quando eu estava entregando o relatório do PIBIC, até antes, o Heitor Frúgoli Jr., esse professor do Departamento de Antropologia da USP, falou, “Por que você não tenta o mestrado?”. Em julho de 2006 entreguei o relatório e a prova do mestrado já era logo em seguida. Eu terminei o relatório, tive um tempinho para estudar para a prova e fazer o projeto. Aconteceu que eu fiz tudo isso e passei. E foi a partir do mestrado que eu tive que fazer um mergulho, principalmente em leituras que eu via que colegas já tinham. Foi o mesmo choque que eu tive quando entrei na graduação, que eu percebi que colegas já conheciam autores e

autoras que eu não conhecia, principalmente os clássicos. Quando eu entrei no mestrado, eu vi que todo mundo tinha leituras mais contemporâneas, leituras mais recentes que eu não tinha. Então, eu tive que fazer um mergulho de recuperar uma bibliografia para a qual eu não pude me dedicar durante a graduação e também ler uma bibliografia mais recente, que estava todo mundo mobilizando.

Por isso, o mestrado, para mim, foi um período intenso. Acho que foi o período de maior intensidade: para conseguir contextualizar a bibliografia que eu conhecia e que eu não conhecia, de fazer novas leituras e de me dedicar a um trabalho de campo. Foi um trabalho que começou em fevereiro de 2007 e foi até meados de 2009, sendo que nesses dois anos e meio do mestrado, eu passei um ano e meio em campo, fazendo trabalho de campo. Eu ia todo dia, durante um ano e meio, direto, só campo, campo, campo, campo, muito campo. E adorei, foi muito bom. Só que chegou um momento que o meu orientador falou: “Agora chega, né?”. E aí eu parei de fazer o trabalho de campo e me dediquei um semestre a escrever a dissertação e, no segundo semestre de 2009, entreguei e defendi (SPAGGIARI, 2009).

Em seguida, no mesmo semestre, passei na seleção de doutorado e comecei a fazer o doutorado em fevereiro de 2010. Ao longo desse período, continuei trabalhando. Eu ganhava bolsa, mas fazia trabalhos bem pontuais para institutos de pesquisa, seja na área de pesquisa de opinião ou pesquisa de mercado. Trabalhava para conseguir complementar a bolsa, não era uma dedicação integral, eram algumas horas da semana que eu conseguia. Hoje é permitido, mas, na época, deu certo porque eu fazia poucas horas por semana, então não era um problema.

Então, continuei trabalhando como cientista social em outros espaços. Quando eu fui para o doutorado, foi o momento que eu acho que mais me dediquei a uma atuação acadêmica. Eu parei de fazer esses trabalhos em outros espaços de atuação e passei a me dedicar mais ao trabalho acadêmico, porque já estavam surgindo oportunidades de trabalho pontuais ligadas ao universo acadêmico, como dar aulas, participar de projetos de pesquisa. Alguns deles com algum tipo de remuneração, mas muitos deles não tinham.

Eu fiz a tese de doutorado fazendo várias outras coisas ao mesmo tempo, com grupos de pesquisa, com diversos projetos diferentes. Eu já tinha sido, durante três anos, membro da revista dos alunos e alunas de pós-graduação da USP, a *Cadernos de campo*. Fiz parte da comissão editorial, fui representante discente de pós-graduação por dois anos. Então, foi um mergulho no universo acadêmico, que, para mim, foi necessário, porque eu precisava me situar em coisas que eu não tive durante vários anos. O que é uma revista acadêmica? O que

eu posso, enquanto um aluno, enquanto um discente, demandar ou não? Foi um mergulho total. Eu sentia que eu precisava correr atrás, me dedicar a várias atividades. E foi um período pré-Copa do Mundo e pré-Olimpíadas, então havia demandas diversas para quem estudava esporte. Então, muita coisa estava acontecendo nesse período em que eu estava fazendo doutorado, seja por esse mergulho acadêmico, seja por um grande evento ligado ao meu tema do esporte.

Bárbara: E o que te motivou a fazer o doutorado? Você sentia que faltava alguma coisa, você queria investir mais na pesquisa?

Enrico: Era mais no sentido que eu tinha feito, para mim, um mestrado muito intenso. Eu terminei a pesquisa de mestrado porque eu tive que parar o trabalho de campo, senão eu continuava. Eu estava num momento do meu trabalho de campo em que eu tinha aberto novas redes, em que as pessoas, a molecada, os contextos em que eu estava fazendo a pesquisa, por diferentes motivos, abriram conexões com outros espaços em São Paulo, outras equipes, outros clubes de várzea, categorias de base. Por isso, no doutorado, eu fui pesquisar a partir de alguns espaços que eu tinha conhecido no mestrado, dessa rede, e que eu não tive tempo de continuar. Dei continuidade mantendo o mesmo contexto etnográfico, ou seja, a rede de contatos que eu já tinha, só que mudando o tema. Portanto, o que mais me mobilizou a continuar no doutorado não foi a perspectiva de uma carreira acadêmica. Foi mais porque eu tinha gostado de fazer pesquisa, especificamente de fazer etnografia, estava adorando, e eu falei “Putz, agora que ficou legal, tenho que parar...”.

Bárbara: Houve um tempo depois da graduação, do mestrado ou do doutorado, que você pensou “Podia ter feito isso diferente, eu me arrependo de ter feito isso, de não ter feito isso...”? Você sente isso, de alguma forma, em relação à sua trajetória acadêmica?

Enrico: Não é um arrependimento, pois foi uma escolha que eu fiz de fato, foi pensada, mas optei por não fazer o que a gente chama de doutorado sanduíche. Aquela oportunidade de, através de uma bolsa, ficar seis meses, um ano fora do Brasil, tendo contato com uma instituição estrangeira. Tinha surgido a oportunidade de fazer o doutorado sanduíche, até por conta de uma facilidade que eu tinha, por falar italiano, de fazer na Itália. Só que, novamente, eu estava muito orgulhado no campo, acompanhando famílias de uma maneira tão próxima,

tão intensa. Estava acompanhando projetos familiares desde que eu comecei a pesquisa em 2010, alguns acompanhando menos, mas algum desses projetos eu estava acompanhando há dois ou três anos. Então, eu decidi, mesmo com todas as possibilidades e facilidades que aquele período permitia, em termos políticos e econômicos, não fazer o doutorado sanduíche.

Eu não me arrependo, pois eu queria priorizar a etnografia. Pensava que se eu ficasse um ano fora, como é que seria continuar pesquisando essas famílias, esses projetos que eu “abandonei”? Não fazia sentido, para mim, em termos do que eu pretendia trabalhar. Então, não é um arrependimento, é mais no sentido, “Ah, e se eu tivesse feito?”. Mas eu acho que eu teria me arrependido mais se eu tivesse feito. Porque, com certeza, quando eu voltasse, o meu trabalho de campo, após um tempo fora, teria sido impactado, atrapalharia o envolvimento e engajamento que eu tive, que mobilizou muita coisa interessante e que mobiliza até hoje. Então, não é um arrependimento, é só pensar em um segundo cenário.

Bárbara: Então o esporte está atravessado desde a época que você começou a iniciação científica, muito por causa da influência do seu orientador?

Enrico: Meu orientador, Heitor Frúgoli Jr., não pesquisava esporte; ele gosta, mas era um interesse meu. E não havia, vamos dizer assim, uma grande rede de apoio em termos acadêmicos. Eu tinha um apoio do meu orientador, com quem tenho até hoje uma ótima relação, mas não havia uma grande rede de apoio. Tanto que, junto com alguns colegas, nós sentimos uma grande necessidade de construirmos a nossa própria rede de apoio. “Ah, aquela pessoa está na geografia, ela quer estudar esporte...”. Formamos um grupo com estudantes de graduação, alguns iniciando a pós-graduação, e começamos a estudar, fazer reuniões quinzenais para discutir textos, para compartilhar bibliografias, leituras de obras que eram consideradas clássicas e de algumas pesquisas mais contemporâneas.

E foi dessa rede de apoio que criamos um grupo de estudos. Não tinha nenhum professor ou professora vinculados. Era um grupo autônomo dentro da USP, mas que tinha pessoas de fora. Então, foi um grupo criado por estudantes. E eu reforço a importância disso, porque essa experiência teve vários desdobramentos interessantes. Essa experiência, que foi o Grupo Internacional de Estudos de Futebol, o GIEF, foi o embrião de várias outras coisas. Foi a partir do GIEF que todos ali foram convidados a fazer um site de divulgação científica de futebol. Em outubro de 2009, lançamos o portal Ludopédio⁵, que existe até hoje. O GIEF

⁵ “O maior portal de produção e divulgação científica sobre futebol da América Latina” (LUDOPÉDIO, 2025).

também foi o embrião de um núcleo de estudos, o Ludens⁶, coordenado por um professor ligado ao Departamento de História da USP, o professor Flávio de Campos. Quem compôs a base desse núcleo, quem participou do processo de formação desse núcleo, foram as pesquisadoras e pesquisadores do GIEF. É um exemplo de autonomia que os estudantes podem ter, é legal ter reconhecimento. Podemos construir redes, relações com os professores do departamento, mas é legal ter essa autonomia.

Foram essas experiências de autonomia e de construção de rede de apoio entre estudantes que movimentaram e fizeram com que eu permanecesse estudando esporte. Não era o fato de que eu estava com alguém que estudava esporte, pois meu orientador não estudava esporte. Mas ele deu um super apoio e conheci professores e professoras que estudavam esporte, já tinham feito algum trabalho sobre o tema, e que me ajudaram em algum momento, participaram das minhas bancas, deram muito apoio também.

Bárbara: Por que você acha que o tema do esporte é promissor para produzir antropologia? O que você acha que abre portas dentro do tema guarda-chuva do esporte para a gente fazer antropologia?

Enrico: Porque não estudar esporte é pior. É isso, temos que estudar esporte porque queremos, temos oportunidade, ainda que com muitos percalços, muitos obstáculos, muitos olhares meio que tortos para nós. Mas, por que estudar esporte? Porque existe a possibilidade de estudar, porque o esporte permite leituras interessantes sobre quem somos, nosso modo de vida, nossa sociedade. Então, o esporte permite olhar, entender, interpretar, questionar como nossa vida social está organizada. O futebol é uma dimensão dessa vida social, como outras. E se estudamos outras, por que não estudar esporte? Mas, queremos olhar a partir das práticas esportivas porque acreditamos que, através delas, poderemos produzir algo muito interessante.

Podemos então inverter a pergunta. Quando falam “Por que estudar esporte?”, eu falo, por que não? Porque ninguém pergunta “Por que estudar religião? Por que estudar família? Por que estudar trabalho?”. As pesquisas, no Brasil, ao longo dos últimos 50 anos, têm mostrado a multivocalidade do futebol, por exemplo, de permitir olhar para a sociedade a partir de diferentes perspectivas, de diferentes formas. Se eu quero estudar a questão de marcas, de consumo, o esporte pode ser uma porta interessante para pesquisar. Posso estudar a

⁶ Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas.

interação entre jovens em ambientes online a partir de diferentes frentes. Por que não a partir do esporte?

O cenário acadêmico recente, bem diversificado de pesquisas, tem mostrado que ainda há muita coisa a se pesquisar a partir do esporte: questões políticas, econômicas, de gênero, de sexualidade, raciais. Ainda temos muita coisa a explorar. O campo esportivo sempre está colocando novos temas e questões. Sempre teremos alguma coisa para pesquisar.

Bárbara: Depois que você terminou o doutorado, você não seguiu para a pós?

Enrico: Não quis fazer um pós-doutorado logo em seguida porque surgiu a oportunidade de voltar para o universo em que eu já tinha atuado, fora da universidade. De fazer pesquisas de inspiração acadêmica, ou ligadas à academia, mas fora da universidade, uma antropologia extramuros. Antes de terminar o doutorado, no final de 2014, me convidaram para participar de uma pesquisa que seria feita pelo Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (LabNAU-USP). Eu não fazia parte do LabNAU, surgiu o convite para que participar de um projeto que estava sendo iniciado, uma pesquisa para o Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo, com o objetivo de conhecer mais sobre o que motivava os frequentadores e frequentadoras a irem para as unidades do SESC em São Paulo. Era uma pesquisa sobre esporte, lazer, cultura e lazer. Como eu já trabalhava com o esporte e lazer há um tempo, fui convidado por alguns colegas e pelo coordenador do Núcleo na época, o José Guilherme Magnani, a participar dessa pesquisa.

Quando eu terminei o doutorado (SPAGGIARI, 2014), em dezembro de 2014, já estávamos assinando o contrato para começar a pesquisa em janeiro de 2015. Então, eu nem tive intervalo. Fiz parte de uma equipe de dez pesquisadoras e pesquisadores, junto com o professor Magnani, que ao longo de um ano, em 2015, fez uma pesquisa etnográfica sobre os SESC's. Foi uma pesquisa de inspiração acadêmica, etnográfica, mas voltada a atender objetivos, interesses, demandas de uma entidade como o SESC (MAGNANI, et al., 2015).

Nunca me vi parado, pensando, “Ah, eu vou tentar o pós-doc, vou parar para fazer não sei o que”. Sempre tive uma necessidade de estar fazendo coisas. Ao longo dessa pesquisa, algumas pessoas passaram a compartilhar alguns interesses de dar continuidade a projetos como esse, porque a gente adorou fazer essa pesquisa, foi muito bacana. E assim passamos a fazer outras pesquisas também de inspiração antropológica, pesquisas etnográficas, fora da universidade. Desde então, todo ano, fazemos algum projeto ou mais de um, sob a

coordenação do professor Magnani, que ainda participa ativamente. Formamos um coletivo chamado Argonautas Pesquisa Etnográfica, que recentemente virou uma empresa de pesquisa antropológica. Temos realizado projetos em paralelo a outras atuações, nossos outros trabalhos.

Então, a partir de 2015, desde quando fizemos esse trabalho no SESC, fiquei muito interessado em fazer novos projetos de curta ou longa duração, de sempre estar pesquisando algo e ter um retorno muito direto, gerando algum tipo de intervenção, de mudança, de proposta nova, como vimos no SESC.

Além disso, eu já estava há quase dez anos pesquisando esporte, então, foi uma oportunidade de explorar outras temáticas, porque o que guiava esses projetos era uma questão metodológica. Em um projeto, estávamos pesquisando lazer; em outro, estávamos pesquisando, por exemplo, a questão dos danos aos bens imateriais no desastre de Mariana (MAGNANI; SPAGGIARI, 2018-2019); em outro, a questão do corpo ativo em escolas para uma pesquisa do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (SPAGGIARI, 2016); ou como os Centros Educacionais Unificados, CEUs, atuavam também como espaços de produção de memória nas periferias da cidade de São Paulo (MAGNANI, et al., 2018-2020). Ainda que todos um pouco ligados a uma ideia de Antropologia Urbana, o que os interligava era a questão da prática etnográfica, de uma sensibilização para o olhar etnográfico.

Ao mesmo tempo que fazia esses projetos, continuei dando aulas em universidades particulares e em escolas durante alguns anos. Adorei. Foi uma experiência incrível. Acho que é ali, na escola, que se aprende a dar aula. Aprendi a dar aula na escola e não na universidade. Na escola é preciso ter jogo de cintura, envolve a construção de relações diárias, saber lidar com um público muito diverso. O mesmo professor pode ser ótimo com uma turma, mas com outro determinado grupo de pessoas, em outra sala de aula, a relação pode não ser tão boa, pode não dar liga. É muito curioso. Cada turma, cada aula, cada curso é diferente. Isso fica evidente na escola, com aulas a cada 50 minutos, várias salas e turmas diferentes. Foi interessante perceber isso. Numa sala você era o professor “legal”, em outra sala o professor “chato”. É maravilhoso isso. Seria bacana que cada docente universitário tivesse a experiência didática da escola. Pelo menos eu acredito nisso.

O tempo que sobrava das aulas na universidade e escola eu preenchia com os projetos e pesquisas. Foi um período de muito trabalho. Tive que diminuir o ritmo depois de um

tempo, principalmente com a pandemia, quando percebi que não precisava trabalhar em várias frentes ao mesmo tempo.

Além disso tudo, continuei publicando, produzindo artigos, livros, participando de eventos, de palestras, fazendo o trabalho de divulgação científica do portal Ludopédio. Então, nunca teve um momento em que eu fiquei sem fazer nada. Ao contrário, tem vários projetos rolando ao mesmo tempo. Agora estou na Universidade de Brasília, mas depois darei continuidade a um projeto de pesquisa sobre cidades e cidadinidade⁷ no norte de Minas Gerais na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Acho que por isso nunca consegui parar para fazer um pós-doutorado. Seria bacana voltar a fazer uma pesquisa acadêmica, me dedicar a um novo trabalho de campo sobre esporte, por exemplo.

Bárbara: Essas oportunidades de pesquisa, vocês que criavam e apresentavam, faziam a captação de recursos, ou era um projeto do próprio SESC, do governo, da prefeitura, que vocês iam atrás, ou eram contratados direto?

Enrico: As duas formas. A gente recebia convites, através, principalmente, do professor Magnani, ou de alguns de nós, “Ah, vocês fazem pesquisa assim, então vamos pensar aí um projeto”. Pelo fato de termos essas outras atividades, nunca conseguimos entrar de cabeça nesse processo de captação, tampouco de editais. A maior parte dos projetos, até agora, foram de convites que vieram porque alguém indicou ou conhecia nosso trabalho. Mas tem sido um espaço de atuação legal. A ideia é continuar a fazer, todo ano, pelo menos uma pesquisa, pegar um projeto novo.

Bárbara: Você disse que não estava muito envolvido nas questões acadêmicas durante a graduação, mas você acha que as experiências acadêmicas te prepararam para esse mercado de trabalho, em que você tem que conhecer e criar redes? Você acha que a universidade te preparou para isso, ou foi uma certa improvisação?

⁷ Nota do entrevistado: O conceito de cidadinidade refere-se à condição processual, situacional e relacional de produzir e experienciar a cidade, principalmente às margens, em contextos heterogêneos marcados por desigualdades, disputas e conflitos. É nesse fazer-cidade, tal como proposto pelo antropólogo Michel Agier (2011), que os cidadãos — com suas práticas, saberes e contra-usos — ocupam e circulam, de forma criativa e transgressora, pela cidade, conferindo significados a ela. Ao revelarem formas de viver a cidade que não se reduzem à sua estrutura física e administrativa, os cidadãos tensionam as concepções apriorísticas, fixas e normativas do planejamento urbano e desafiam seus dispositivos de controle. A cidadinidade implica, portanto, compreender a cidade do ponto de vista dos cidadãos, ou seja, deslocar o olhar da cidade para as pessoas que vivem, sentem e fazem a cidade em seus espaços e tempos cotidianos. (AGIER, 2011)

Enrico: Eu acho que tudo acaba sendo uma improvisação, mesmo se a universidade tem disciplinas para isso, oficinas, uma preocupação de fato, algo que poucas universidades têm. Em termos práticos, eu não considero que a minha formação na Universidade de São Paulo tinha essa preocupação, não havia um interesse ali de formar pessoas para o mercado de trabalho. Seria ótimo, porque acho que ajudaria. Mas, mesmo não tendo, isso não impediu que vários colegas, acho que a maioria, seguissem para uma atuação não acadêmica, seja no setor público, em gestão de projetos, pesquisa de mercado, de opinião, etc. Tenho colegas em diferentes áreas, mas eu não acho que a universidade, as disciplinas que fizemos, nos prepararam. Eu acho que, de certa forma, foi o contexto universitário em que eu estava inserido que me preparou. Esse contexto universitário tem aulas, mas tem também o espaço de vinte minutos no café, a oportunidade de ir para algum lugar depois da aula. Tudo isso compõe esse contexto universitário que é formado por pessoas, colegas, que trabalhavam também, havia uma rede de apoio.

Então, eu não considero só as disciplinas, temos que considerar que existe um contexto universitário, mesmo que o departamento de Ciências Sociais não tivesse, naquele momento, essa preocupação de formar para o mercado de trabalho. Afinal, as pessoas precisam trabalhar, não dá para só ficar estudando. Então, esse contexto universitário me ajudou muito. Eu estudava à noite, então quem que estudava comigo? Outras pessoas que trabalhavam, outras pessoas que tentavam seguir na universidade, não largar o curso. Pessoas que faziam outra faculdade ao mesmo tempo, como Direito e Jornalismo. Teria sido ótimo poder fazer uma disciplina de Antropologia e Mercado de trabalho. Mas a formação que eu tive era: sim, estamos formando pessoas para terem opiniões, para atuarem como cientistas sociais, antropólogos e antropólogas, fora da universidade, mas estamos principalmente formando pessoas para serem acadêmicas.

Acho que teria ajudado. Mas ainda bem que a universidade não é feita só de professores e professoras, de salas de aula. A universidade é feita de estudantes. E acho que é a parte que mais perene. Você vai guardar tudo o que você aprendeu nas disciplinas, algumas você gostou, outras não, algumas te marcaram por algum motivo, outras não, mas você vai guardar as relações construídas ali, sobretudo com outros estudantes, que me ajudaram a pensar minha atuação profissional.

Bárbara: O foco principal do seu trabalho hoje em dia é trabalhar com outros antropólogos, fazer outras etnografias, mas tem coisas que você aprendeu como cientista social, que você usa para tratar essas questões de trabalho?

Enrico: Sim, tem toda uma formação inicial, em Sociologia e Política, que ainda está presente. Isso fica evidente nas pesquisas que fazemos fora da universidade. Valorizei muito minha formação quando fui dar aula em escolas. Ali eu vi a importância dessa formação, de voltar a falar de algumas obras, de autores e autoras.

Bárbara: E tem, no seu ponto de vista, claro, como agir a partir dessas características, que são qualidades, habilidades que você desenvolveu como cientista social, mesmo não trabalhando como antropólogo, necessariamente?

Enrico: Eu senti muito isso dando aula. Mas eu acho que em outras frentes de atuação também. No site de divulgação científica, por exemplo, eu vejo que há uma influência direta da minha formação em Ciências Sociais: a perspectiva crítica, ampla, de não ficar preso aos mesmos conceitos e teorias. Podemos trabalhar com tradições paradigmáticas diferentes, com leituras diferentes sobre o mundo. É interessante perceber que mesmo em uma atuação que a princípio eu não precisaria utilizar das qualidades e capacidades que um curso de Ciências Sociais me ofereceu, eu vejo a todo momento que coisas que eu aprendi estão colocadas nessa atuação de divulgador científico. Essa capacidade de se colocar criticamente em relação a uma quantidade incrível de trabalhos de outras áreas, mesmo que eu não tenha um conhecimento tão detido sobre elas. Nós, como cientistas sociais, temos uma formação aberta, mais flexível, não é tão dogmática. Assim, ela nos permite ter um olhar mais interessado para dialogar com outras formas de ver e entender o mundo.

Bárbara: E como você enxerga o mercado de trabalho para a antropologia hoje em dia? Tem um panorama geral que você consegue perceber?

Enrico: Eu passei a olhar mais para isso nos últimos 10 anos, a partir do momento que eu terminei o doutorado. E não é que eu vejo um mercado mais aberto, mais acolhedor. O que eu vejo é que tem um pouco mais de oportunidades. E você tem mais oportunidades não porque você tem um maior número de vagas para atuar na FUNAI, por exemplo. Eu acho que, na

verdade, hoje temos um pouco mais de reconhecimento em relação ao que nós, enquanto antropólogos e antropólogas, podemos oferecer. E isso criou mais espaços em domínios que antes não nos demandavam ou acreditavam que nós não poderíamos contribuir. Por exemplo, nos últimos anos, tenho participado de projetos relacionados ao patrimônio cultural, imaterial ou material. É um campo de atuação em que nós, antropólogos e antropólogas, temos muito a oferecer. Não só patrimônio no sentido do poder público, uma participação que é exigida por lei, mas também outras áreas que veem alguma contribuição que antropólogos e antropólogas podem oferecer.

Por exemplo, em 2020, ainda na pandemia, mesmo que à distância, online, fiz, com a ajuda de dois colegas, uma historiadora e um geógrafo que trabalham com esporte, um estudo de tombamento e mapeamento do futebol de várzea em São Paulo, que foi uma demanda da Prefeitura, do Departamento de Patrimônio Histórico (SPAGGIARI, 2021). O objetivo era subsidiar a discussão do futebol de várzea como um patrimônio cultural imaterial. O estudo revelou que era possível defender e justificar o tombamento do futebol de várzea como uma prática cultural. E ali havia necessidade de ter um antropólogo, uma antropóloga, tal como uma historiadora pode trazer uma contribuição, um geógrafo também.

Vários antropólogos e antropólogas atuam em alguns espaços do mundo empresarial. Por exemplo, mapeamento de ambientes online, para identificar a circulação, os trajetos dos usuários nos espaços online, como lojas, grandes sites. O que move as pessoas dentro de um site ou de um site para outro? Envolve mapear, identificar perfil de público, entender o que é a vida online. É interessantíssimo, uma dentro outras áreas novas, que exploram a contribuição que a antropologia pode dar.

Ao mesmo tempo, antropólogos e antropólogas têm que ser criativos, têm que criar suas próprias oportunidades também. E isso não só diz respeito à nossa área. É uma marca do universo profissional atual, de criar novas oportunidades frente a esse processo de precarização, de enfraquecimento dos vínculos empregatícios. Vejo muitos dos meus colegas buscando criar seus espaços de atuação profissional. A Argonautas Pesquisa Etnográfica, um projeto coletivo que vira uma empresa, é um exemplo disso, que existe uma demanda e um interesse pelas contribuições da Antropologia.

É fundamental debater a atuação profissional na Antropologia. Hoje temos um número muito maior de cientistas sociais, antropólogos e antropólogas sendo formados, tanto na graduação quanto na pós-graduação, do que há 20 anos. A Associação Brasileira de

Antropologia (ABA) tem dados sobre o mercado de trabalho⁸, número de pessoas formadas, mas precisamos ter mais pesquisas sobre essa questão. Não podemos deixar somente para os estudantes a responsabilidade de criarem seus espaços. É legal que façam isso, mas não podemos depender só disso. Não podemos depender somente do poder público, que também tem sua responsabilidade. Mas a contribuição, o apoio dos nossos departamentos nas universidades é fundamental.

Eu acho que quem se formou, na graduação ou pós-graduação, está fazendo a sua parte. Seria importante se tivesse mais espaços no poder público. Mas o diferencial podem ser as universidades, os departamentos de Ciências Sociais pelo Brasil. E de diferentes formas. Desde oferecer uma disciplina de Antropologia e Mercado de trabalho; incentivar oficinas, exposições, contatos com empresas; estimular alunos e alunas a desenvolverem espaços dentro da universidade para saberem como é o mercado de trabalho, criar parcerias com grupos fora da universidade, criar oportunidades; até questões mais simples, por exemplo, facilitar que seus estudantes, mesmo que dentro do regimento da instituição não seja possível, trabalhem e estudem no meio tempo. Se a pessoa precisa trabalhar de manhã e de tarde, como ela fará Ciências Sociais se não tem oferta de disciplinas no período noturno? Temos que criar alternativas, principalmente em áreas como as nossas, que são menos conhecidas que outras, como Direito e Medicina. Nosso papel é ajudar alunos e alunas a entender como podem trabalhar enquanto estudantes e depois como cientistas sociais.

Essa é uma barreira que precisamos superar. Isso é das Ciências Sociais, mas também de outras áreas.

Bárbara: Você percebe, então, a diferença entre o trabalho acadêmico e esse trabalho com instituições, com o governo, com organizações? Existe o trabalho do antropólogo dentro do meio acadêmico e ele é diferente do trabalho do antropólogo fora da academia?

Enrico: Existem diferenças e semelhanças. Nos trabalhos fora do universo acadêmico também estamos tentando responder questões e estamos produzindo conhecimento antropológico, mas a partir de outra temporalidade. Não é a temporalidade do universo acadêmico, não é sob os mesmos regimes de produção de conhecimento que temos em uma

⁸ Para saber mais sobre algumas pesquisas realizadas pela ABA, ver Silva (2008) e Simião e Feldman-Bianco (2018).

universidade. Mas também se produz conhecimento, talvez outra forma de conhecimento, que busca dialogar com certos espaços em que o conhecimento produzido tenha que ser colocado em prática, aplicado e replicado.

Nesse sentido, estamos falando sobre regimes de trabalho que tem objetivos e temporalidades específicas. O tempo do trabalho acadêmico não é o mesmo tempo do trabalho em uma empresa, uma entidade ou em um órgão público. No conteúdo do conhecimento que é produzido, não vejo muita diferença. Ambos os universos têm particularidades, como diferentes processos de escrita e de apresentação dos resultados, mas existem aproximações.

Atualmente, estou fazendo duas pesquisas, simultâneas, nesses dois espaços, dentro e fora da universidade. São formas de produzir conhecimento com muitas semelhanças, apesar das particularidades, com expectativas diferentes. Ambas são interessantes e podem responder questões parecidas a partir de construções e elaborações diferentes.

Então, é difícil medir, a comparação não pode ser feita somente pelo resultado, pois deve-se avaliar a partir das expectativas que foram colocadas e do que era possível fazer e das estratégias que foram elaboradas. A comparação não pode ser feita sem as devidas mediações.

Bárbara: E como você acha que a antropologia do esporte, especificamente, pode contribuir fora da academia?

Enrico: Pode contribuir muito. Nos últimos 10 ou 15 anos, temos visto a criação de alguns espaços de atuação. Por exemplo, clubes de futebol, clubes esportivos, centros de treinamento e formação, têm incorporado profissionais que antes não estavam nesses lugares, como psicólogos e psicólogas. No caso da antropologia, outros espaços, como museus e centros de pesquisa, têm visto na Antropologia uma forma de ter um olhar diferente.

Existem espaços que nós, assim como outras áreas das ciências humanas, ainda não conseguimos nos inserir, talvez por uma ideia um tanto biologizante da prática corporal, da prática esportiva. Um espaço que posso destacar, de 2008 para cá, que se notabilizou pela presença do conhecimento antropológico, é o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), do Museu do Futebol, constituído em torno do olhar antropológico e de pesquisas etnográficas.

O CRFB é um espaço não acadêmico, fora da universidade. Ali, há pessoas acadêmicas e não acadêmicas, varzeanas, pessoas do futebol de base, pessoas do universo de

futebol que não estão na universidade e fazem pesquisas também, em diferentes áreas: Antropologia, História, Geografia etc. É um espaço interessante, que consegue combinar essas diferentes formas de atuação. E acredito que a construção desse espaço se deu também pela presença, na direção ou como pesquisadoras, de antropólogas mulheres, que tiveram um papel fundamental para a existência do Museu do Futebol tal como ele é hoje. Então, vejo oportunidades se abrindo. Quem sabe, no futuro, estaremos atuando em clubes e em espaços do esporte profissional ou de alto rendimento. Difícil, mas quem sabe.

Bárbara: E o que você sugere que graduandos das ciências sociais façam enquanto graduandos para conseguir construir esse caminho para o mercado de trabalho?

Enrico: Quando eu fiz a graduação, nós éramos contra a Empresa Júnior, talvez porque estivesse muito em foco a ideia de empresa, que era o vocabulário da época. Mas é interessante ter espaços dentro da universidade, oferecidos pelos departamentos, para que estudantes consigam desenvolver projetos, criar pontes, estabelecer redes de contato, para que vejam como podem atuar ou mapear um possível cenário de oportunidades. Então, esses espaços autônomos, conduzidos pelos estudantes, com a ajuda dos departamentos, são interessantes.

Mas, para isso, tem que ter interesse e mobilização de várias frentes, desde a graduação. Nos últimos anos, vemos uma universidade muito mais plural, um perfil de estudantes muito diversificado. Tudo isso exige, cada vez mais, a preocupação e o envolvimento de professoras, professores e de quem cuida da gestão. Sabendo, porém, que os docentes lidam diariamente com inúmeras dificuldades, restrições, sobrecarga de trabalho e cobranças diversas. Ao mesmo tempo, estudantes podem continuar se mobilizando, demandando, e não somente em uma postura de esperar.

Outra frente é a própria universidade. Do que eu tenho visto, circulando e participando de projetos, maiores ou menores, é que as universidades públicas têm aberto muitos espaços. Afinal, ela não pode ser um bem público fechado nela mesma. A universidade pode e deve ser um bem público, devemos lutar pelos direitos que nós já temos e por muitos outros, mas temos que abrir a universidade e propor mais diálogos. As políticas afirmativas já foram um passo nesse sentido. Mas não adianta só acolher mais estudantes, tem que ter também uma política de permanência. Dentro dessa política de permanência faz parte, inclusive, falar para o estudante: “Faça Ciências Sociais porque você vai poder trabalhar com isso...”. Entra

naquilo que já falamos de poder trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Mas envolve muito mais coisas.

Bárbara: O que você acha que é o maior empecilho que esses egressos têm quando eles vão entrar no mercado de trabalho? De coisas que você percebeu com colegas de curso ou coisas que você percebeu com seus alunos.

Enrico: O maior empecilho para atuar como cientista social, como antropóloga, é saber, de fato, o que você, enquanto antropóloga, pode fazer e saber em quais espaços pode atuar. São dúvidas que compartilhei com colegas da minha geração quando terminamos a graduação ou a pós-graduação. Pela intensidade que a vida acadêmica exige, não nos preocupamos tanto em identificar e conhecer outros espaços para atuar. Se eu não for antropólogo na universidade, então onde posso ser? Nem todo mundo vai atuar academicamente como professor ou professora na universidade. Então, o que fazer? Talvez seja necessário, mesmo na pós-graduação, oferecer uma disciplina de Antropologia e Mercado de Trabalho. Somos formados para sermos acadêmicos. Temos dificuldade para formar, em termos didáticos, professores e professoras para escolas e universidades. Imagina, então, formar profissionais dedicados a outros espaços de trabalho.

Bárbara: Para você, a ideia desse mercado de trabalho que está se construindo para a antropologia daqui para frente é muito fluída ainda?

Enrico: Não é um planejamento, um programa, tão estruturado. Mas vejo com otimismo, principalmente pelo modo como vários colegas, amigos e amigas, estão se colocando no mercado de trabalho. Mas precisamos de mais dados para afirmar algo de forma mais precisa. Quantas pessoas estão se formando na graduação, quantas pessoas estão se formando na pós-graduação? Afinal, mesmo com a abertura desses novos espaços de trabalho, talvez não seja suficiente por conta do número cada vez maior de cientistas sociais, antropólogos e antropólogas. Mas vejo com otimismo, porque ao mesmo tempo que aumentou o número de pessoas que se formam, aumentou também o número de espaços, de vagas, de oportunidades para trabalhar. Mas sabemos que as pessoas seguem diferentes caminhos, aconteceu com as gerações antigas, acontece com a atual e provavelmente acontecerá com as próximas gerações.

Isso também fala alguma coisa sobre a própria formação em Ciências Sociais e Antropologia, de estar aberto a outras formas de atuar. Mas precisamos ter números, ter dados, que ajudem a compreender a nossa profissão. Isso precisa ser divulgado de forma mais regular, inclusive pela própria ABA. São informações fundamentais para o corpo discente e que, desde o primeiro ano de graduação, faça parte do currículo. Você sabe o que é antropologia? Como é que nós temos atuado? Onde nós temos atuado? Onde podemos encontrar oportunidades? Seria interessante, desde o primeiro semestre, para a pessoa saber, inclusive, como é que ela vai planejar os anos de graduação, se vai tentar arranjar um trabalho de meio período, se vai se dedicar à carreira acadêmica, se ela vai querer entrar num PET... Eu entrei nas Ciências Sociais sem saber nada. Para mim, teria sido ótimo entrar e ser informado sobre o que poderia fazer com essa formação. Se estivesse na graduação hoje, gostaria de saber onde cientistas sociais têm trabalhado nos últimos cinco, dez anos? Afinal, quando a pessoa entra na graduação ou pós-graduação, uma turma anterior está saindo. Onde estão essas pessoas hoje? O que estão fazendo? Isso, com certeza, ajudará graduandos e graduandas a pensar e planejar o que estarão fazendo nos próximos anos. Portanto, ainda temos muita coisa para fazer.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2011.

LUDOPÉDIO. **Conheça a Equipe Ludopédio**. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/quem-somos/equipe-ludopedio/>>. Acesso em: 2 out. 2025.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico. **Avaliação de Impacto aos Bens Arqueológicos e Culturais decorrentes do desastre ocorrido por ocasião do rompimento da Barragem de Fundão em Mariana, Minas Gerais**. 2018-2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor et al. **Cultura e lazer: as práticas de lazer e físico esportivas dos frequentadores do SESC em São Paulo**. 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor et al. **Projeto CEU, Memórias e Ação**. 2018-2020.

SILVA, Gláucia (Org.). **Antropologia Extramuros: novas responsabilidades sociais e políticas dos antropólogos**. Brasília: Paralelo 15, 2008.

SIMIÃO, Daniel Schroeter; FELDMAN-BIANCO, Bela (Orgs.). **O Campo da Antropologia no Brasil: Retrospectiva, Alcance e Desafios**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2018.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana**. 2014. 470 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SPAGGIARI, Enrico. Ganhar jogo, pagar jogo, ganhar visita. In: 31º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS, 2007, Caxambú. **31º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS**, 2007. p. 1-26.

SPAGGIARI, Enrico (Org.). **Mapeamento do futebol de várzea paulistano**. 2021

SPAGGIARI, Enrico. **Projeto Escolas Ativas do Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil**. 2016.

SPAGGIARI, Enrico. **Tem que ter categoria: construção do saber futebolístico**. 2009. 265 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Artigo recebido em 03/12/2025.

Aprovado em 16/01/2026.